

## DERRIDA, LEVINAS E RICOEUR: LEITURAS FRANCESAS SOBRE A METÁFORA EM NIETZSCHE

## DERRIDA, LEVINAS AND RICOEUR: FRENCH PERSPECTIVES ON NIETZSCHEAN METAPHOR

Vinicius Oliveira Sanfelice\*

### RESUMO

Este artigo apresenta algumas considerações sobre o lugar que os enunciados metafóricos ocupam no discurso da filosofia francesa contemporânea. Primeiro mostraremos a divergência na interpretação de uma tese nietzschiana acerca da metáfora intuitiva originária, depois colocaremos como exemplo a leitura crítica que Derrida faz do projeto de Levinas. Esses enunciados constituem o modo levinasiano de abordar a filosofia, sendo parte de uma crítica à ontologia e à tradição filosófica grego-ocidental. Tendo como base o artigo *Violência e Metafísica*, em que Derrida faz uma leitura hiperbólica, mas não infiel, do projeto ético de Levinas, pretende-se mostrar algumas possibilidades da intersecção entre discurso metafórico e discurso especulativo a partir de Paul Ricoeur. Procuramos expor também as dificuldades de uma ética fenomenológica conflitiva com a ontologia ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Paul Ricoeur; Metáfora; Nietzsche; Derrida; Suspeita

### ABSTRACT

This article presents some considerations about the place they occupy in the metaphorical discourse of contemporary French philosophy. First show the divergence in the interpretation of a thesis on Nietzsche's intuitive metaphor originated then put as an example the critical reading Derrida Levinas's project. These statements are the way to address levinasiano philosophy, being a critical part of the ontology and the Greek-Western philosophical tradition. Based on the article *Violence and Metaphysics*, in which Derrida makes a reading hyperbolic, but not untrue, of Levinas's ethical project, we intend to show some possibility of intersection between discourse metaphorical and speculative discourse from Paul Ricoeur. We seek also expose the difficulties of a phenomenological ethics conflicted with western ontology.

KEYWORDS: Paul Ricoeur; Metaphor; Nietzsche; Derrida; Suspicion

---

\* Vinicius Oliveira Sanfelice é mestrando em filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e possui graduação pela mesma universidade. Tem interesse na área de Filosofia, com ênfase em Fenomenologia e Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: subjetividade, imaginação, metáfora, Ricoeur, ontologia contemporânea. E-mail: [vi.fast@hotmail.com](mailto:vi.fast@hotmail.com)

## 1. Introdução

A filosofia francesa contemporânea tem pelo menos duas peculiaridades notáveis para quem se dedica ao seu estudo: o uso (e ocasional abuso) das metáforas no seu discurso e a suspeita de diferentes matizes que lança à filosofia moderna e à própria tradição francesa das luzes. Além disso, pode-se unificá-la em crítica sistemática e anti-humanista, como é a interpretação que Luc Ferry e Alain Renaut fazem do “Pensamento 68” (cujos quatro elementos essenciais que o constituem como “tipo ideal” seriam: o tema do fim da filosofia; o paradigma da genealogia; a dissolução da ideia de verdade; e o fim de toda referência ao universal). Esse anti-humanismo que habitaria autores como Foucault, Althusser, Derrida, Lacan, Bourdieu, Deleuze, Lyotard, significa a impossibilidade da intersubjetividade como consequência da negação da subjetividade (a conhecida “morte do sujeito”). Essa intersubjetividade impossibilitada é a do reconhecimento recíproco entre os sujeitos, ou seja, o respeito pela liberdade do outro. Emmanuel Levinas é um filósofo que possui em seu discurso as peculiaridades notáveis da filosofia francesa, mas não apenas, é um crítico dessa noção liberal de intersubjetividade. Não obstante isso, seu projeto filosófico é fundamentar a intersubjetividade no seu lugar de origem, que para ele é anterior à ontologia. Dito de outra forma, para ele a responsabilidade pelo outro vem antes da liberdade do sujeito.

O pressuposto ético, ou humanista, segundo Nythamar de Oliveira<sup>1</sup>, é uma das razões de Levinas, como Ricoeur e outros autores, não estarem incluídos entre àqueles filósofos contemporâneos da suspeita, que recuperam “hiperbolicamente” os velhos mestres da suspeita: Nietzsche, Marx e Freud. Recentemente, a história do pós-modernismo, principalmente a partir de sua disseminação e vulgarização nas universidades americanas pós-68, pode ser contada pela interpretação (mais que peculiar) que alguns filósofos da teoria francesa - como ficou conhecida no EUA - deram para Nietzsche<sup>2</sup>. Este trabalho tem como base as divergências entre Derrida e Ricoeur sobre a ideia de metáfora intuitiva,

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Nythamar de. *Detranscendentalizing Subjectivity: Paul Ricoeur's Revelatory Hermeneutics of Suspicion* in *Veritas* 49/2 (2004): 235-259.

<sup>2</sup> A esse respeito, Cf.: *Filosofia Francesa: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze e Cia / François Cusset; tradução Fátima Murad – Porto Alegre : Artmed, 2008*. Parafrazeando Ricoeur, a história do pós-modernismo no continente americano é a história das heresias ao pensamento nietzschiano.

exposta por Nietzsche em *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*. Ambos parecem reconhecer nesse texto a primazia da tese de que toda a linguagem é metafórica, embora Derrida acentue nele a denúncia e a suspeição colocada sobre o conhecimento conceitual, e Ricoeur entenda que a tese ‘toda a linguagem é metafórica’ exige uma noção ampliada de “verdade”, que inclua os aspectos intuitivos do homem, da sua linguagem e do seu desejo/impulso de criação – o que é diferente de excluir a conceitualização ou o conceito. Decidimos exemplificar as divergências entre Derrida e Ricoeur a partir de algumas objeções que o primeiro faz ao discurso filosófico de Emmanuel Levinas, especificamente a crítica de “ambiguidade”, porque aceitamos que esse exemplo ilustra uma dicotomia maior: a da possibilidade da intersubjetividade, também poderia se dizer, a possibilidade de uma crítica à ontologia ocidental que seja também humanista. A nossa decisão é acentuar a consequência moral que existe entre considerar a subjetividade como opaca e limitada, e considerá-la como morta, mesmo que metaforicamente.

## 2. Nietzsche em Derrida e Ricoeur

A suspeita é o que se faz dela: pode ser prevenção, preconceito, difamação, entre outras coisas. Nietzsche distingue o impulso à verdade e o impulso artístico como característica, respectivamente, do homem racional e do homem intuitivo. Toma posição pelo último, que caracteriza como possuidor de uma relação saudável com a vida, a inconstante antípoda da conceitualização (característica do homem racional). O impulso à verdade, na crítica ao conhecimento que Nietzsche faz em *Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, nasce do esforço de conservação, seja ao nível do indivíduo (onde o intelecto engana o outro) ou ao nível de coletividade interessada na paz entre todos. É ao nível de coletividade que o intelecto do homem engana apoiado na linguagem como convenção (na distinção entre verdade e mentira), e o impulso à verdade aparece como instinto de preservação apoiado na noção de veracidade. Assim, o intelecto busca um resultado pragmático para o homem racional (conservação) e um resultado estético para o homem intuitivo. O homem que Nietzsche exalta optou pelo caráter imediato e mutável da vida, em contraposição à fixação e rigidez do conceito. Esse homem, em seu impulso à criação de

metáforas, não nega a vida, ele vive sua atividade criadora. Mas o impulso à verdade, a conceitualização, não pode ser positivo se ele for entendido como impulso à verdade metafórica? Na hermenêutica filosófica de Ricoeur há a possibilidade de uma referência de 2ª ordem, inspirada na noção de referência ambígua que Jakobson identifica na poesia, que é diferente da referência ou lógica reguladora e imperativa. Na “verdade metafórica” que se desdobra em segunda referência é possível pecar contra a ordem depois de assumirmos uma hierarquia.

Tendo o homem esquecido que o conceito é antropomórfico e que toda a linguagem é metafórica, tornou-se possível a atitude de conceituar (desconsideração do individual/igualação do não igual); também porque, segundo Nietzsche, esquecemos que ela é o projetar de nossos elementos no mundo, algo subjetivo: ao invés de denominar a própria coisa elegemos arbitrariamente uma característica da coisa, por exemplo, o serpentear da serpente. Assim, o conceituar para Nietzsche é o esquecimento de que não existe na natureza algo como a “folha primordial” e a conseqüente abstração das diferenças de cada folha que encontramos em sua forma individual, com suas características próprias. Para Nietzsche, essa atitude é própria do homem e o distingue dos outros animais: *“Tudo aquilo que sobreleva o homem ao animal depende dessa capacidade de volatilizar as metáforas intuitivas num esquema, de dissolver uma imagem num conceito”*. (NIETZSCHE, 2008, p.38). Com o exemplo da “folha primordial” ele pretende explicitar a condição do conceito, que é ser o resíduo de uma metáfora já gasta e esquecida.

Para a esquematização metafórica, nos moldes da interpretação que Ricoeur dá para a doutrina do esquematismo de Kant, há uma espécie de folha “segundo a qual todas as folhas são tecidas, desenhadas, etc.”. Enquanto processo geral da imaginação para dar a um conceito a sua imagem, o esquema é produto da imaginação. Para ficar mais claro o que seria esse produto da imaginação, que exerce uma função de síntese pode-se entendê-lo como um monograma da imaginação pura. A expressão usada por Kant serve para entendermos a importância que terá para Ricoeur a existência do esquema como um método para construir imagens, ressaltando o caráter produtor da imaginação. O esquema do conceito de “folha”, que ordena certas representações dos sentidos (tato, visão, etc.) sob este conceito, possibilita que uma pessoa possa dizer “isto (que vejo, percebo, etc.) é uma folha”.

Do mesmo modo, esse metaforizar em sentido estrito, como Ricoeur busca em Aristóteles, é bem perceber o semelhante, portanto uma forma de conceitualização através da aproximação do que é distante. A imaginação fará a mediação entre dois termos logicamente distantes, e a partir dessa função de síntese temos a inovação semântica: o novo que surge na linguagem. Essas metáforas vivas possuem a forma de uma tensão entre sujeito e predicado, portanto requerem um ajuste em nossa compreensão. Esse ajuste pode ser o mesmo que seria necessário para resolver a dicotomia que Nietzsche encontra entre a metáfora intuitiva e o conceito:

Enquanto cada metáfora intuitiva é individual e desprovida de seu correlato, por isso, sabe eludir a todo rubricar, o grande edifício dos conceitos exibe a inflexível regularidade de um columbário romano e exala na lógica aquela dureza e frieza, que são próprias à matemática. (NIETZSCHE, 2007, p.38).

Ora, se essas metáforas que perderam seu valor, pode-se dizer que estão mortas como interpreta Derrida, implicam na consideração das verdades como ilusões que foram esquecidas, cabe perguntar se o fenômeno da inovação semântica não permite que de novas metáforas surjam novas verdades. Ricoeur sustenta contra Nietzsche e a interpretação de Derrida, que os conceitos não são apenas metáforas mortas. A relação de Ricoeur com as leituras da suspeita é definitiva. A hermenêutica negativa é um momento necessário para desmascarar o que está dissimulado, mas a dialética entre o compreender e o explicar, que caracteriza a hermenêutica ricoeuriana, impede a redução do sentido do texto à sua gênese. Sua relação com o texto derridiano acerca da metáfora – *A Mitologia Branca* – é de reconhecimento e ultrapassagem. Ricoeur estaria mais próximo daquele Heidegger (leitor de Hölderlin: “palavras, como flores”), para quem a função da poesia parece ser algo similar ao poder da metáfora viva. Derrida, com seu projeto de desconstrução, e seu conceito de usura que denuncia a metáfora como entropia, assemelha-se ao coveiro e suas tarefas no cemitério da linguagem: trata-se de trabalhar ou simplesmente constatar que a metáfora tanto quanto o sujeito estão mortos. A divergência com Derrida existe na interpretação da “Aufhebung” (superação) hegeliana, superação da significação sensível na significação espiritual. O que caracteriza inovação para Hegel e Ricoeur, para Derrida é dissimulação da gênese do conceito, idealização que deve ser desmascarada. É onde a leitura de Derrida encontra a tese original de Nietzsche, através da sua utilidade para a

desconstrução, pois tudo é submetido a ela. Mas as metáforas podem ser reavivadas, e essa possibilidade também coloca a filosofia, enquanto teoria e discurso num moto-contínuo de produção conceitual e metafórica, sempre possíveis de serem ligadas.

### 3. Derrida e Levinas

Quando dissemos que Levinas tem como projeto filosófico fundamentar a intersubjetividade antes da ontologia, afirmamos que ele escolheu a Ética como filosofia primeira. Quando Levinas critica a filosofia, usufruindo da tradição filosófica, ele está interpretando essa tradição como a história do Ser, e concluindo: “O Ser é mal”. Para Levinas e Derrida a filosofia ocidental é ontologia (o Ser grego e sua interpretação heideggeriana). Mas Levinas pergunta pela origem do ser humano, pelo seu lugar anterior a esta ontologia, e afirma a distinção entre compreendê-lo como finitude (com sua subjetividade limitada e insuficiente) ou como totalidade (subjetividade como identidade autorreferente e suficiente). Sabemos que a ontologia permite, epistemologicamente, a afirmação da liberdade do sujeito de conhecer o objeto que pode ser conhecido. Mas encontramos nos românticos ou entre os insatisfeitos com a objetividade ontológica exemplos da necessidade dessa subjetividade insuficiente expor-se e buscar evadir-se. Para Levinas essa necessidade é uma plenitude, e a negação dela pelo que ele chama ontologismo (identificando-o como um idealismo) expõe a impotência de um dogma que sacrificou o fato concreto da vida angustiada e cotidiana do homem. Para considerarmos as possibilidades dessa crítica, e dessa proposta ética, dentro do nosso trabalho, vamos apresentá-lo como Levinas o aborda: metaforicamente.

A metáfora mais enigmática da filosofia, já demonstrava Derrida<sup>3</sup>, é a heliológica – a metáfora do Sol. O Sol grego proveu as luzes francesas, esse Sol que proporciona a percepção através da sua luz aparece (fazendo aparecer) na caverna platônica como convite à ascensão ao Bem. Para Derrida, essa ascensão ideal do homem não existe sem o recalque

---

<sup>3</sup> Cf. DERRIDA, 1991, p.292: “*O sol não fornece apenas um exemplo, entre todos o mais notável, de ser sensível enquanto pode sempre desaparecer, furtar-se ao olhar, não estar presente. A própria oposição do aparecer e do desaparecer (...) do presente e do ausente, tudo isso só é possível sob o sol. Este, enquanto estrutura o espaço metafórico da filosofia, representa o natural da língua filosófica*”.

causado pela dominação de seus instintos. Consequentemente significa que o recalque existe subliminarmente sob a “mitologia branca” ocidental. Levinas percorre uma interpretação mais sofisticada para chegar a uma crítica mais severa – é mais grave dizer “o Ser é mal”, que dizer ‘o Ser possui recalques’ ou ‘o Ser é neurótico’. E se a luz que ilumina o Ser tivesse no Sol um belo ideal, mas *existisse* para o homem como que surgida de uma guerra? Para Levinas, a luz do Ser e a face violenta do Ser andam juntas, e sua unidade neste mundo representa a totalização, mais próxima de Heráclito que de Platão:

O choque entre homens, a oposição de uns em relação aos outros, a oposição de cada um consigo mesmo, fazem brotar as faíscas de uma luz ou de uma razão que domina e penetra os antagonismos. A verdade última se inflama com todas essas faíscas do mesmo modo que a história abarca todas as histórias. Os dois acontecimentos se fundem. A verdade de cada um se realiza na verdade universal, em vez de perder o seu brilho diante do esplendor desta verdade. (LEVINAS, 1995, pp.125-126).

A importância de mostrar a abordagem metafórica que Levinas utiliza é explicitar seu esforço para sair dessa natureza heliológica do Ser. A dificuldade aqui está em sair do Ser sem negá-lo. O diálogo é com Husserl e Heidegger - ultrapassá-los e as suas ontologias também não é negá-los: é ir além, em busca dos antecedentes éticos e cotidianos do Ser. A existência do Ser convida à abordagem metafórica, e para Levinas a metáfora da insônia<sup>4</sup> torna compreensível o confronto entre existência e ser. O estado de vigília que consiste em existir seria anterior à ação da consciência, logo, ao sujeito e ao objeto. O Ser poderia ser (a eterna vigília) se não fosse também sua insônia sentida. A saída do Ser é alcançada pelo caminho em que se percorre a sua fragilidade. Voltando para a metáfora da insônia – a abordagem levinasiana a considera uma experiência-limite em que a existência é sentida, em que a transcendência do Infinito toma o lugar da Totalidade, de forma que à experiência real do “eu mim mesmo” é substituída pela experiência da exterioridade “no rosto do Outro”. Essa aproximação face-a-face entre o eu e o Outro terá que ser percorrida abandonando-se o trajeto da síntese, característico do entendimento, e adotando àquele do “do discurso, da bondade e do desejo”. Novamente, este modo diferente (não violento) de Ser é, por sua vez, diferente de não-Ser; anterior, e mais, a sua condição. O que Levinas

---

<sup>4</sup>Cf. LEVINAS, 2000, pp.39-40: “A minha reflexão sobre este tema parte das lembranças da infância. Dorme-se sozinho, as pessoas adultas continuam a vida; a criança sente o silêncio do seu quarto de dormir como ‘sussurrante’”.

denomina constituição pré-originária da subjetividade é dada pelas nossas experiências mais ordinárias, como, por exemplo, o ato de comer e o de hospedar-se, em que o Ser revela-se como necessidade de alimento e abrigo, e como indicação de nosso caráter sensível.

Derrida faz uma leitura de *Totalidade e Infinito*, a primeira sistematização do pensamento levinasiano, num texto chamado *Violência e Metafísica* – onde reconhece a radicalidade desse pensamento como a “abertura por excelência”. A dificuldade do projeto levinasiano é desde já o problema de como enunciá-lo numa linguagem que é ontológica. Derrida expõe esse problema como a necessidade de certa iluminação ao Rosto (a epifania levinasiana<sup>5</sup> da não-luz). Mas como iluminá-lo se a própria iluminação é o logos tradicional controlando seus elementos, fazendo aparecer o Ser? Sabemos que Levinas está falando de um fenômeno com certa ausência, especialíssima luz antes da luz que precisa escapar da ingenuidade da lógica formal, mas que também precisa aparecer ou pelo menos ser anunciada. Admitindo que essa ambiguidade seja intencional e instrutiva, Levinas está buscando outra lógica ao invés do ilógico? Se sim, a dificuldade de expressar esta outra lógica (num enunciado inserido na lógica ordinária) existe. Mesmo quando, sabemos, a intenção levinasiana é indicar uma pré-originalidade anterior à constituição dessa lógica.

Se não há história mais que pela linguagem e a linguagem é elementarmente metafórica, Borges tem razão: ‘Talvez a história universal não seja mais que a história de algumas metáforas’. Dessas poucas metáforas fundamentais, a luz não é mais que um exemplo, mas que exemplo! Quem poderá dominá-la, quem dirá alguma vez seu sentido sem deixar-se primeiro dizer por este? Que linguagem escapará alguma vez dela? (DERRIDA, 1989, p.125).

A dificuldade em expressar-se de maneira não contraditória (ao buscar o sentido ético anterior ao ontológico) não é a única. Uma leitura compreensiva, que admita como expressão, ou discurso, aquele através do rosto, em suma, que entenda essa linguagem como além da objetivação implicada no conhecer e na sua conseqüente “posse” do outro,

---

<sup>5</sup> Cf. NUNES, 1993, p. 21: “*O infinito manifesta-se como exterioridade e como resistência absoluta à objectivação e ao conhecimento. A exterioridade do Infinito manifesta-se na sua própria epifania; mas é na resistência que ele manifesta a sua face*”.

poderia perguntar pela ausência de diálogo que o reconhecimento imposto do outro acarretaria<sup>6</sup>.

#### 4. Considerações Finais

Ricoeur e sua filosofia da linguagem podem ser um auxílio, na medida em que seu interesse é fundamentar uma intersecção entre o discurso especulativo e o metafórico. Para ir além de uma lógica formal devemos entender que não separar os discursos pode ocasionar a destruição de ambos. Se as filosofias do neutro (que neutralizam o outro como ente) e as da subjetividade não podem reconhecer, como aponta Derrida, este rosto que está além da totalização, será que uma filosofia do sujeito “opaco”, não transparente para si mesmo, não pode reconhecê-lo e, ao mesmo tempo em que avizinha o discurso metafórico ao especulativo, possibilitar um diálogo entre ambos? A filosofia ética de Ricoeur pode ser interpretada – sumariamente - como a possibilidade de o outro vir até nós e nós nos tornarmos outro. Todavia, para nosso trabalho é mais rica a parte de sua filosofia que se ocupa da linguagem, pois ela cumpre aqui a necessidade de poder “pensar” esse sentido ético. Acreditamos que ela é a resposta para a questão se o fim da modernidade, do sujeito autossuficiente, não é também o fim do humanismo. Sobre o tema da linguagem a relação<sup>7</sup> entre Ricoeur e Levinas comporta uma convergência e uma dupla divergência.

A convergência diz respeito à riqueza da linguagem enquanto poder metafórico, o que nos remete novamente à tese nietzschiana da metáfora originária – mostrando que os filósofos excluídos daquela lista acerca do anti-humanismo também divergem entre si sobre o texto nietzschiano. Mas essa convergência na riqueza da linguagem metafórica termina com a resposta pelo lugar em que a riqueza surge ou de onde ela surge. Para Ricoeur a riqueza está em determinado uso da linguagem, que revela aspectos ontológicos não acessíveis a uma linguagem ordinária; Para Levinas está na dimensão ética, anterior e que

---

<sup>6</sup> Cf. FABRI, 1999, p.114: “O sentido ético não condena a riqueza de uma abordagem hermenêutica da linguagem mito-poética e a conseqüente abertura e renovação que ela possibilita a um emudecimento radical?”.

<sup>7</sup> A esse respeito, Cf. *Hermenêutica y Filosofía en Ricoeur y Levinas*. Conferência apresentada por Michael Maidan na Universidade Hebraica de Jerusalém (Mendoza, Agosto 1999).

vela determinada e singular linguagem. Como explica Fabri em artigo sobre a metáfora e *palavra viva* em Levinas:

Em primeiro lugar, o falar a Outrem é uma saída de si (objetivação ou o Dito) e um 'ter de prestar contas sobre o que se diz'. Em segundo lugar, o movimento de objetivação, por ser um evento da própria linguagem (relação inter-humana), é sempre ultrapassagem do sentido fixado (Dizer). (FABRI, 2010, p.76).

Entender o discurso enquanto proximidade do Outro é diferente de entendê-lo como discurso de segunda ordem, além do discurso comum e cotidiano. São duas riquezas diferentes: para Levinas a *palavra viva* está na origem da metáfora, para Ricoeur os enunciados metafóricos significativos originam as *metáforas vivas*.

## REFERÊNCIAS

- DERRIDA, J. A mitologia branca. In: DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. Campinas: Papyrus, 1991.
- DERRIDA, J. (1997). **Adeus a Emmanuel Lévinas** (trad. Fábio e Eva Landa). São Paulo : Perspectiva, 2004.
- DERRIDA, J. Violencia y Metafísica. In: DERRIDA, J. **La escritura y la diferencia**. Trad. de Patricio Peñalver Anthropos, Barcelona, 1989, pp. 107-210.
- FABRI, Marcelo. Entre o Conceito e a Metáfora: A Palavra Viva Segundo Levinas, **Ethica**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p 67-80, 2010.
- FABRI, Marcelo. Hermenêutica e ontologia em Levinas, **Acta Scientiarum** 21 (1): p. 113-119, 1999.
- FABRI, Marcelo. Mito-Logos e a possibilidade de um sentido ético. **Veritas: Revista de Filosofia**, Porto alegre, v.44, n.2, p. 285-296, jun., 1999.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- LEVINAS, E. **Ética e infinito. Diálogos com P. Nemo**. Lisboa: Edições 70, s/d, 2000.
- LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LEVINAS, E. **Da existência ao existente**. Tradução: Paul Albert Simon; Lígia Maria de Castro Simon. Campinas: Papyrus, 1998. 119p.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira**. Trad. Fernando de Moraes Barros. – São Paulo: Hedra, 2008. 98 p.

NUNES, Etelvina Pires Lopes – **O outro e o rosto. Problemas da alteridade em Emmanuel Levinas**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

OLIVEIRA, Nythamar de. Detranscendentalizing Subjectivity: Paul Ricoeur's Revelatory Hermeneutics of Suspicion, **Veritas** 49/2 (2004): 235-259.